

Uma Casa Comum Indispensável

Maria Costa Pinto

A Cimeira do Milénio foi uma reunião de trabalho. Histórica e emocionante, onde os debates nas mesas redondas foram como “movimentos de libertação para líderes mundiais”. No final da reunião, os 8000 participantes reforçaram a ideia de que a ONU é uma organização indispensável para enfrentar os desafios e os problemas do século XXI.

A necessidade de encontrar uma fórmula para distribuir os benefícios da globalização entre todos os povos do mundo foi a preocupação dominante dos 150 chefes de Estado e de Governo que participaram na Cimeira do Milénio, de 6 a 8 de Setembro, na sede das Nações Unidas em Nova Iorque. Sobre este tema falaram tanto os que dela já beneficiam quanto os que por enquanto conhecem apenas os lados negativos deste fenómeno.

Já o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, em conferência de imprensa antes da abertura da Cimeira, dizia: “Nós precisamos de decidir as nossas prioridades, e adaptar as Nações Unidas de forma a que essas prioridades se reflectam em decisões claras e imediatas e signifiquem mudanças nas vidas das pessoas”. Um outro tema dominante da cimeira foi a necessidade de renovar a ONU para enfrentar os desafios do século XXI. Com a declaração final, em que a globalização foi identificada como “o maior desafio com que nos confrontamos hoje”, os 8000 participantes — sem contar os 5500 jornalistas presentes — deixaram claro que se alguma esperança existe de encontrar esta fórmula, de vencer este desafio e de superar estas enormes dificuldades é através das Nações Unidas. A ONU, declararam, “é a casa comum indispensável de toda a família humana, através da qual vamos tentar realizar as nossas aspirações universais pela paz, cooperação e desenvolvimento”.

Porque é que a ONU é a casa comum indispensável? Porque ali têm voz desde os mais pequenos aos grandes e mais poderosos. A questão não é tanto a de saber se a voz dos pequenos é ouvida, mas sim lembrar que ali eles têm a oportunidade de falar. E por mais que as manchetes de jornais se concentrem no que dizem “os grandes”, no trabalho diário das Nações Unidas a voz dos pequenos é ouvida, é respeitada e tem peso. Esta é a grande beleza da Assembleia Geral, e, ao mesmo tempo, o anacronismo do Conselho de Segurança, que todos — mesmo o que neste órgão possuem poder de veto — sabem que precisa de uma reforma.

No seu discurso na sessão de abertura, Kofi Annan enfatizou que o evento era “não só uma oportunidade única, mas também uma responsabilidade única”. E por mais que alguns insistam em caracterizar eventos deste tipo como apenas uma série de discursos, a Cimeira do Milénio foi uma reunião de trabalho. Houve interacção de chefes de Estado e de Governo à porta fechada, em quatro mesas redondas em que participaram sem discursos preparados e onde, como líderes que são, discutiram esta “responsabilidade única”.

Na primeira mesa redonda, presidida pelo primeiro-ministro de Singapura, Goh Chok Tong, o tema dominante foi mais uma vez o dos efeitos da globalização e a necessidade de encontrar soluções conjuntas para os moderar. Em particular debateu-se a necessidade de conseguir uma forma de beneficiar os países menos desenvolvidos através de um envolvimento maior das Nações Unidas com

instituições multilaterais mais directamente ligadas a estas questões, principalmente na disponibilização de recursos. Na conferência de imprensa em que fez um resumo do debate, o primeiro-ministro de Singapura disse que o segundo tema mais abordado foi a paz e a segurança internacional e as formas de fortalecer a ONU para lidar com conflitos.

Na segunda mesa redonda a discussão concentrou-se no papel crucial a ser desempenhado pelos países desenvolvidos para a solução dos problemas mais prementes com os quais se confronta a comunidade internacional no mundo de hoje. Como disse à imprensa o moderador dos debates, o Presidente da Polónia Aleksander Kwasniewski, ali se discutiu a situação actual em África, que foi qualificada como um real desafio para a comunidade internacional. A exigência de que os países ricos reduzam a dívida externa dos países pobres foi expressa, assim como o imperativo de se olhar para o continente africano não como um problema mas como uma responsabilidade.

Na terceira mesa redonda, dirigida pelo Presidente da Venezuela Hugo Chávez, um dos temas de debate foi o dos conflitos regionais e locais, e a necessidade de encontrar soluções globais para problemas globais, como o da pobreza. O tema do narcotráfico também foi amplamente discutido, explicou o Presidente venezuelano, e ficou claro que é impossível solucionar este problema se não se chegar a uma nova visão de responsabilidade comum entre países produtores, de trânsito e de consumo.

A quarta mesa redonda, conduzida pelo Presidente da Argélia, Abdelaziz Bouteflika, abordou temas como o terrorismo e a questão da dívida externa. Foi enfatizado que é preciso deixar bem claro no cenário internacional “quem deve o quê a quem” no contexto de pagamento de dívidas, um tema que deve ser discutido tendo em conta séculos de colonização, o saque de recursos naturais, os custos das guerras de libertação e a actual fuga de cérebros.

Para muitos pode parecer que não houve diferença entre o que se passou em público no plenário da Cimeira e o que se passou à porta fechada nas mesas redondas — foi tudo a mesma coisa, dirão os críticos, apenas uma série de discursos. Errado para os dois casos. Porque num evento como este o importante em termos de significado está tanto no dito como no não dito. Chega-se a esta conclusão quando se tem capacidade para avaliar o que significa ter chefes de Estado em contacto directo, conhecendo-se, conversando, e mesmo trocando apenas um aperto de mão.

O formato de encontro de trabalho da Cimeira do Milénio foi não só inovador mas muito bem-vindo. Como disse a Presidente da Finlândia, que co-presidiu à Cimeira com o Presidente da Namíbia, os debates nas mesas redondas foram como “movimentos de libertação para líderes mundiais”, com participantes visivelmente entusiasmados com a oportunidade de debater sem agenda predeterminada.

A declaração final da Cimeira não é apenas mais um documento, como tendem os pouco informados ou mais cínicos a qualificar documentos adoptados por conferências da ONU. Não encham barrigas, nem pagam contas, isso é verdade, mas o mundo precisa de parâmetros, por mais que se diga o contrário. Algo que sirva de orientação tanto para os que fazem leis quanto para os que são afectados pelas leis ou que esperam a aplicação de uma lei, de um princípio quando se sentem vítimas de discriminações, de violações de direitos fundamentais.

Com o já internacionalmente conhecido relatório Brahimi nas mãos, os chefes de Estado e de Governo que participaram na Cimeira tiveram uma base sólida para expressar seus critérios sobre o tema actualíssimo das operações de manutenção

de paz da ONU. Uma função que está especificada na Carta da Organização mas que é cada vez mais difícil de desempenhar devido às sérias dificuldades de ordem material, conceptual e política. Entre as diversas opiniões expressas, houve desde propostas para criar um exército da ONU até à rejeição mais firme de qualquer versão do conceito de intervenção humanitária.

A importância do relatório Brahimi foi confirmada pela "cimeira dentro da cimeira", como ficou conhecida a sessão especial a nível de chefes de Estado e de Governo dos 15 Estados Membros do Conselho de Segurança, onde se enfatizou a necessidade de fortalecer a organização e estruturá-la melhor para desempenhar o seu papel em relação a conflitos, principalmente em África.

A vontade da comunidade internacional de levar por diante as tarefas para as quais a ONU foi estabelecida há 55 anos entra em choque com a crise financeira que vive a organização, que é uma crise de não pagamento de quotas, pelas razões mais diversas, por vários Estados membros. Ao referir-se a Timor Leste e à Serra Leoa como exemplos de situações em que o envolvimento da ONU evitou consequências muito piores, o Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, sublinhou que tanto nestas como noutras situações, a ONU não tem os instrumentos necessários para completar o seu trabalho. Apelou aos líderes mundiais ali reunidos para darem à organização esses meios, nomeadamente financeiros, e começou pelo seu próprio país, o maior devedor. "Quem no meu país ou em qualquer outro acha que podemos viver sem a ONU ou impor a nossa vontade sobre a organização, está a fazer uma interpretação errada do futuro", disse Clinton.

Isto é verdade, mas mais verdade ainda é o que enfatizou Kofi Annan no seu discurso de conclusão da Cimeira do Milénio: "Vocês esquematizaram direcções claras para permitir que esta organização desempenhe o seu papel no novo século, mas, afinal, vocês são as Nações Unidas". "Está nas vossas mãos, e portanto é uma responsabilidade vossa, realizar estes objectivos que vocês mesmos definiram."